



13 – ESTAQUIA DE FALSO MANGOSTÃO

Renata Aparecida de Andrade¹; Deyvison de Souza Peixoto²; Guilherme Nacata³

¹Professor Assistente Doutor, Departamento de Produção Vegetal, FCAV/UNESP, Câmpus de Jaboticabal. Via de Acesso Prof. Paulo Donato Castellane, s/n, Jaboticabal/SP, Cep: 14884-900. Brasil. renata.andrade@unesp.br

²Aluno de Graduação em Engenharia Agrônoma, FCAV/UNESP, Câmpus de Jaboticabal. deyvion.souza@unesp.br

³Eng. Agrônomo, Dr. em Fitotecnia. Mosaic Fertilizantes do Brasil Ltda. guilherme_nacata@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O falso mangostão (*Garcinia xanthochymus* Hook. f. ex Anders), conhecido como mangostão amarelo, é uma frutífera exótica pertencente à família Clusiaceae. O fruto é uma baga no formato de pera, com casca lisa e coloração amarela quando maduro (ALMEIDA et al., 2008). As mudas de espécies frutíferas podem ser obtidas de forma sexuada ou assexuada. A estaquia vem sendo amplamente utilizada na produção comercial de mudas, tendo-se ótima qualidade em curto espaço de tempo, além da garantia da manutenção de características varietais, como uniformidade, produção, qualidade do fruto, precocidade e sanidade, o que é altamente desejável pelos produtores (FRANZON; CARPENEDO; SILVA, 2010). Dentre os fatores que podem aumentar a formação de raízes, pode-se destacar o uso de reguladores de crescimento. Assim, o objetivo desta pesquisa foi verificar a possibilidade de produção de mudas de falso mangostão por estaquia, bem como verificar se há influência do regulador de crescimento ácido indolbutírico (AIB) na rizogênese desta espécie.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Ripado de Fruticultura, pertencente ao Departamento de Produção Vegetal da FCAV/UNESP. As estacas foram coletadas no início da manhã (para evitar desidratação do material), no mês de janeiro, e foram preparadas com 15 cm de comprimento, com a base cortada em bisel, mantendo um par de folhas. Foram submetidas aos tratamentos com ácido indolbutírico (AIB): 1000, 3000, 5000, 7000, 9000 e 11000 mg L⁻¹, caracterizando a imersão rápida (IR), bem como a 150, 300 e 500 mg L⁻¹, caracterizando a imersão lenta (IL). Para cada tipo de imersão também foi instalado um tratamento testemunha. Na IR, as bases das estacas foram imersas na solução tratamento por 10 segundos, e na IL, as bases das estacas permaneceram mergulhadas na solução tratamento por um período de 16 horas, no escuro. As estacas foram colocadas em caixas de polietileno perfuradas, contendo como substrato vermiculita textura média, mantidas em nebulização intermitente, em condições de telado (50% de luminosidade), sendo a nebulização controlada por um “timer” programado para ligar o sistema por 5 seg. e desligar por 40 seg. As avaliações, 90 dias após a estaquia, foram quanto: porcentagens de sobrevivência, enraizamento e calo das estacas; número médio de raízes por estaca; e comprimento médio das raízes (cm). O delineamento foi inteiramente casualizado, com sete tratamentos para IR e quatro para IL, cinco repetições por tratamento, com 10 estacas cada repetição. Os dados coletados foram submetidos à análise de variância utilizando o pacote estatístico SAS e para comparação de médias, adotou-se o teste de Tukey a 5% de probabilidade.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Para o método de IL ocorreu alta taxa de sobrevivência das estacas, sem diferença significativa entre os tratamentos (Tabela 1), enquanto para porcentagem de enraizamento a maior taxa foi observada à 500mg.L⁻¹ de AIB, chegando a 34% de estacas enraizadas, sendo, entretanto, um valor considerado baixo dentro da estaquia. Para as variáveis número médio de raízes por estaca e comprimento médio das raízes, nota-se, com diferença significativa dos demais, menores valores para a testemunha, mostrando que houve um estímulo à rizogênese ao utilizar o AIB. Segundo Brondani et al. (2008), o AIB é o regulador mais utilizado no processo de propagação. Para a espécie em estudo (Tabela 1), observou-se baixa taxa de enraizamento e possível contribuição do AIB quando em imersão lenta, nas doses de 100, 300 e 500 mg.L⁻¹.

Tabela 1. Análise estatística de estacas de falso mangostão submetidas ao tratamento com ácido indolbutírico (AIB) por imersão lenta. S = Sobrevivência. E = Enraizamento. NMRE = Número Médio de Raízes por Estaca. CMR = Comprimento Médio das Raízes.

AIB (mg.L ⁻¹)	S (%)	E (%)	Calo (%)	NMRE	CMR (cm)
0	86 a	0 c	54 a	0 b	0 b
100	80 a	12 bc	24 b	2,0 a	16,56 a
300	84 a	32 ab	32 b	3,3 a	21,17 a
500	96 a	34 a	20 b	3,3 a	17,26 a
DMS (5%)	16,68	20,63	15,47	1,63	8,95
CV (%)	10,65	58,47	26,31	41,85	36,00

Na IR (Tabela 2), as estacas também tiveram boa taxa de sobrevivência, mas sem enraizamento significativo, com taxa máxima de 10% à 7000 mg.L⁻¹, divergindo do relatado por Fischer et al. (2008), que para a cultivar Delite de mirtilo, obtiveram 92,5% de estacas enraizadas à 8000 mg.L⁻¹, evidenciando a resposta genética da espécie à rizogênese e possivelmente também ao AIB.

Tabela 2. Análise estatística de estacas de falso mangostão submetidas ao tratamento com ácido indolbutírico (AIB) por imersão rápida. S = Sobrevivência. E = Enraizamento. NMRE = Número Médio de Raízes por Estaca. CMR = Comprimento Médio das Raízes.

AIB (mg.L ⁻¹)	S (%)	E (%)	Calo (%)	NMRE	CMR (cm)
0	78 ab	0 e	48 a	0 c	0 b
1000	80 ab	0 e	50 a	0 c	0 b
3000	86 a	2 d	42 a	0 c	0 b
5000	62 b	0 e	26 a	0 c	0 b
7000	78 ab	10 a	42 a	0,9 a	7,02 a
9000	82 ab	4 c	40 a	0 c	1,15 b
11000	86 a	6 b	34 a	0,44 b	1,19 b
DMS (5%)	21,98	1,70	37,30	0,18	1,82
CV (%)	13,89	26,89	46,15	47,55	67,50

Pode-se concluir que o uso de ácido indolbutírico por imersão lenta estimula o enraizamento de estacas de falso mangostão, porém, devido às baixas taxas obtidas, não se mostra viável.

AGRADECIMENTOS